

A AUTOPERCEPÇÃO A PARTIR DO REGISTRO DIALÉTICO AUTOPERCEPTIVO E DOS OBJETOS RELACIONAIS DE LYGIA CLARK

João Vicente Zanella¹

Luana Bonavigo²

Mariana Cleizi Gabiatti Favero³

Milena Ferraz⁴

RESUMO

Esta pesquisa investigou como a interação com os Objetos Relacionais de Lygia Clark, combinada com a utilização do Registro Dialético Autoperceptivo (RDA), pode contribuir para a autopercepção. O estudo exploratório, de método indutivo com análise qualitativa, foi realizado com dez participantes em ambiente acadêmico. A metodologia envolveu duas etapas: interação livre com reproduções de três Objetos Relacionais (Pedra e Ar, Água e Conchas, Almofada Leve-pesada) seguida pelo preenchimento do RDA, instrumento desenvolvido especificamente para esta pesquisa contendo 68 construtos dialéticos organizados em pares de opostos. Os dados foram coletados através de observação, aplicação do RDA e registros em diário de campo. Os resultados evidenciaram que os Objetos Relacionais funcionaram como catalisadores eficazes para a emergência de memórias, emoções e simbolizações profundas, enquanto o RDA permitiu a estruturação cognitiva dessas experiências através da lógica dialética. A análise quantitativa revelou que 74,0% das respostas no RDA indicaram mobilização ativa da autopercepção, com variações significativas entre os objetos. A experiência integrada demonstrou complementaridade entre técnicas projetivas e de estruturação cognitiva, validando a hipótese de que esta combinação catalisa processos autoperceptivos. Os achados sugerem potencial terapêutico e contribuem para a desinstitucionalização da arte como ferramenta de autoconhecimento.

Palavras-chave: Autopercepção; Objetos Relacionais; Lygia Clark; Registro Dialético Autoperceptivo; Arte Terapêutica; Dissonância Cognitiva.

1. INTRODUÇÃO

Nas palavras de Friedländer, introduzidas por Gombrich em seu prestigiado livro de história da arte “sendo a arte uma coisa da mente, segue-se que qualquer estudo científico da arte é psicologia. Pode ser outras coisas também, mas será sempre psicologia” (1946, *apud* Gombrich, 1995, p.3). Introduz-se, portanto, a apreciação e indagação à subjetividade como objeto comum ao psicólogo e ao artista. Solso (2003) caracteriza a arte importante no sentido que estimula a mente e evoca emoções, e aponta-a como um marco essencial à história da psicologia no mundo, pois define o registro do surgimento da consciência do homem,

¹ Graduando em Psicologia (UCEFF, 2025). E-mail: jovicentezanella@gmail.com.

² Mestre em Educação, graduada em Psicologia. E-mail: luanabonavigo@uceff.edu.br.

³ Docente da UCEFF.

⁴ Docente da UCEFF.

possibilitada apenas por um cérebro de pensamento altamente complexo. Possibilita-se portanto, a arte aliada à ciência psicológica como comunicadoras de promissor diálogo.

Tanto o psicólogo quanto o artista revelam-se desbravadores em subjetividade. É função da prática profissional psicológica navegar subjetivas realidades, intuindo através de um método alcançar resoluções sobre construções do ser; também ao artista compete-se tal função, entretanto, a investigação compreende-se a partir de outro formato. O artista deposita parcelas idiossincráticas em sua obra de arte. A artista brasileira Lygia Clark (1920-1988) é alicerce do movimento neoconcreto, cuja preocupação relacionava-se a desinstitucionalizar a tela e mídias tradicionais, incluindo e prezando assim a subjetividade do espectador à obra (Oliveira; Pereira; Luz, 2013). Clark atua na fronteira entre arte e psicologia, nos anos finais de sua vida com sua obra *Estruturação de Self* (1976-1988), instaurou sessões terapêuticas sensoriais com os nomeados *Objetos Relacionais*, que segundo a artista “como seu próprio nome indica é na relação estabelecida com a fantasia do sujeito que ele se define” (Clark, 1978, p.1).

Clark utiliza materiais comuns, como plástico, sementes, areia, conchas, água, e pedras, por exemplo, e visa promover uma interação sensorial e reflexiva entre o sujeito e o objeto, que é estimulado a ser manuseado permitindo que o sujeito vivencie uma série de sensações corporais e emocionais. A obra *Estruturação de Self* (1977-1988) utiliza-se das dualidades presentes nos *Objetos Relacionais* (leves-pesados, moles-duros, cheios-vazios) inferindo evocar arquivos de memórias dos participantes através do apelo sensorial (Bois, 2021), oferecendo portanto um contexto oportuno para explorar percepções e contradições.

Um dos clientes e participantes da experiência proposta por Lygia Clark é o médico psiquiatra, artista e autor Lula Wanderley, que com o aval de Lygia, leva os *Objetos Relacionais* ao hospital psiquiátrico público no Rio de Janeiro (RJ), o antigo Centro Psiquiátrico Nacional Pedro II, hoje chamado de Instituto Municipal Nise da Silveira, intuindo propor a experiência a pacientes diagnosticados psicóticos. Na significância da proposta, Lula observou particularidades subjetivas e metafóricas de seus pacientes que tocavam os *Objetos*, como por exemplo a dialética preencher-esvaziar ou afirmar-negar, garantindo-lhe ricos conteúdos simbólicos e discorrendo assim memórias estocadas no corpo, que com o toque dos objetos permitiam-se externalizar (Wanderley, 2021).

Há séculos a realidade é tida essencialmente como contraditória, de Heráclito a Hegel, do homem que se banha em um rio e que nunca mais são os mesmos, da tese à antítese, à síntese: o pensamento dialético urge como demanda a justificar os acontecimentos polares presenciáveis da existência (Konder, 1981; Politzer, 2001). Tanto a percepção da realidade da existência coletiva, quanto da subjetiva, podem ser instigadas à compreensão através de

construtos dicotômicos como dor e prazer, caos e ordem, agonia e alívio, rigidez e flexibilidade, por exemplo, e podem gerar íntima reflexão sobre o ser. Pensando nas revelações autoperceptivas dos sujeitos, posicionadas sobre possíveis contradições da existência, emocionais e sensoriais, desenvolveu-se um instrumento denominado Registro Dialético Autoperceptivo (RDA)(apêndice 1), que visa estimular a autopercepção posicionando-a sobre estabelecidos construtos dicotômicos opositivos.

Esta pesquisa justifica-se pela necessidade de investigar métodos inovativos que desinstitucionalizam a prática terapêutica e possibilitem novas formas de compreender o ser humano. O objetivo geral consiste em analisar como a interação com os Objetos Relacionais de Lygia Clark e a utilização do Registro Dialético Autoperceptivo contribuem para a autopercepção. Os objetivos específicos incluem: aproximar arte e academia; desenvolver o RDA; utilizar a dialética como princípio norteador para investigar como as contradições da realidade podem ser significadas a uma amostra; observar representações simbólicas comuns; possibilitar aplicação futura do RDA; e verificar sua contribuição para identificação da dissonância cognitiva. A pesquisa busca integrar arte e psicologia através de uma metodologia que promova autopercepção e autoconhecimento.

Conhecer a si mesmo é importante tanto na vida cotidiana quanto à prática psicológica profissional (Wicklund e Eckert, 1992). De acordo com Tavenard et.al (2023), a autopercepção pode ser definida como o conhecimento que o sujeito tem de si acima de suas particularidades em diversas instâncias. Com o instrumento desenvolvido, o Registro Dialético Autoperceptivo, através de 68 estabelecidas contradições, pretende-se continuar a investigação de possíveis significâncias dialéticas e subjetivas através da interação do sujeito com os Objetos Relacionais de Lygia Clark, enquanto estimula-se a autopercepção. A realidade é essencialmente contraditória, e explorar essa concepção à luz da ciência psicológica, de maneira multidisciplinar com a arte, revela-se território fértil a ser explorado, sendo a arte alavancadora de processos subjetivos e a psicologia uma ciência com referencial teórico para investigar tais processos.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 LYGIA CLARK E OS OBJETOS RELACIONAIS

Lygia Clark (1920-1988) é uma das figuras mais revolucionárias da arte brasileira do século XX, construiu uma trajetória marcada pela constante reinvenção na busca do diálogo

entre arte, corpo e subjetividade. De pinturas monocromáticas e esculturas neo-concretas produzidas nos anos 1950 à fase final de sua obra e vida movendo seu trabalho à psicoterapia e cura (Brett, 1994), Lygia Clark explora sua subjetividade em uma arte que se compartilha com o espectador, criando uma experiência conjunta.

A artista começa a adaptar suas proposições sensoriais no final da década de setenta com a obra *Estruturação do Self* (1976), trabalho desenvolvido até o fim de sua vida, em 1988 (Wanderley, 2021). Clark produziu objetos chamados de Relacionais e criou uma terapia individual onde explorava a experimentação sensorial que os objetos poderiam proporcionar. Esses objetos, muitas vezes compostos por películas contendo matéria como água, sementes ou ar, geravam sensações táteis a partir do deslocamento de seu conteúdo interno. Tal característica impedia a reconstrução imaginária do objeto apenas pelo toque, criando um limite à visualidade e provocando uma abertura sensível do corpo, que se deslocava em direção a um "dentro imaginário" na busca por significação (Wanderley, 2021). Em seu apartamento em Copacabana, Lygia realizava desenvolvidas sessões terapêuticas sensoriais de aproximadamente 50 minutos com os Objetos Relacionais. Ela posicionava os objetos sobre o corpo do participante, e o ato revelava manifestações subjetivas, emergindo da representação e sensação induzidas pelo objeto, seja através do material, da textura, da temperatura, do peso ou do som. A experiência pode ser visualizada no documentário produzido por Mario Carneiro em 1985, *Memórias do corpo*. Segundo um de seus clientes, Lula Wanderley, médico psiquiatra, artista e autor, "esses objetos conseguem alcançar vivências quase inacessíveis/imprecisas e, nelas, ganham qualquer significado. Percebido e trabalhado pelo corpo, o Objeto Relacional transita entre vivências menos organizadas linguisticamente e construções de intensidade simbólica" (Wanderley, 2021, p. 31). Clark realizava os atendimentos com pessoas de classe média, parte da elite cultural carioca, mas manifestava desejo de explorar seu método em hospitais psiquiátricos.

É então Lula Wanderley, que de maneira crítica, leva à obra da artista para utilizá-la como parte do processo terapêutico intuindo tratar pacientes diagnosticados psicóticos e população marginalizada do Rio de Janeiro (RJ), no hospital psiquiátrico público no Rio de Janeiro (RJ), o antigo Centro Psiquiátrico Nacional Pedro II, hoje chamado de Instituto Municipal Nise da Silveira, no bairro do Engenho de Dentro (CCMS, 2014). Na instituição, Wanderley criou uma ala em 1988 chamada Espaço Aberto ao Tempo (EAT), um espaço transdisciplinar que busca uma nova ética de trabalho com pessoas que experienciam intenso sofrimento psíquico (Wanderley, 2021).

O cenário em que isso ocorre relaciona-se com as denúncias midiáticas das atrocidades ocorridas nos hospitais psiquiátricos no século passado, com o aval de Lygia e com o auxílio e companheirismo de Nise da Silveira, importante nome na Reforma Psiquiátrica, Lula leva o método ao hospital como ferramenta a sensibilizar os sujeitos submetidos à internação psiquiátrica. Segundo ele, “o Espaço Aberto ao Tempo é uma metáfora de um lugar possível para uma vida mais poética e criativa, onde se possa trabalhar o sofrimento mergulhando em sua face mais crua, porém fazendo do cuidado clínico um exercício de leveza, liberdade e prazer” (Wanderley, 2021, p. 24).

É das experiências vividas no EAT que Lula reúne registros de seus casos clínicos dos quais utilizou o método terapêutico de Lygia Clark em *O Dragão Pousou no Espaço*, livro estruturado em 2002, e também na publicação mais recente, de 2021, *No silêncio que as palavras guardam*. Segundo dados trazidos no livro de Wanderley referente à prática terapêutica com os objetos relacionais em ambiente hospitalar, observa-se em alguns de seus pacientes a representação dialética como significante da experiência. Como é o exemplo de Clara, paciente do médico no EAT que relatava que "os objetos em contato com seu corpo passaram a sumir, e quando tornavam a aparecer, traziam com eles o vazio/vertigem angustiante" (Wanderley, 2021, p.32). Wanderley (2021) propõe que, em alguns casos de estruturação do self em pessoas psicóticas, o vazio primordial experimentado entre a ausência absoluta e a potencialidade total pode conter, paradoxalmente, a capacidade de criação e afirmação.

O Instituto Municipal Nise da Silveira (IMNS) foi um hospital psiquiátrico fundado em 1911 como Colônia de Alienados do Engenho de Dentro e foi palco para a intensa atuação de Nise da Silveira na luta antimanicomial. Hoje é um ambiente repleto de práticas não convencionais, no EAT "a criatividade em seu sentido mais amplo é uma das principais ferramentas do trabalho clínico que se auto intitula experimental e poético" (Autori, 2015, p.133). Lula Wanderley, com a *Estruturação de Self* de Lygia Clark em suas práticas clínicas, foi de importante mérito na reinstitucionalização do centro municipal de assistência à saúde, que anteriormente à Reforma Psiquiátrica, realizava práticas obsoletas e excruciantes como eletrochoques e lobotomia. Atualmente no Rio de Janeiro, além da utilização da obra de Clark nas políticas públicas em saúde, existem clínicas privadas que utilizam-se do método terapêutico de Lygia Clark com os Objetos Relacionais em suas práticas, como por exemplo a clínica Fios do Ser, regida pela psicomotricista, educadora e artista Maíra Gerstner (Gerstner, 2021).

A obra de Lygia permanece sendo exposta e aclamada, intitulada pela Pinacoteca como uma das artistas mais relevantes do século XX, recentemente ganha a exposição “Lygia Clark: Projeto para um planeta”, com curadoria de Ana Maria Maia e Pollyana Quintella, na Pinacoteca de São Paulo, em comemoração ao centenário da artista (Pinacoteca, 2023). As possibilidades perceptivas que a obra de Clark proporciona permanecem especialmente impactantes mesmo mais de quarenta anos após sua criação, talvez relevantes como nunca.

2.2 AUTOPERCEPÇÃO

A percepção é um processo inerente ao desenvolvimento humano, segundo Piaget (1982), a percepção do próprio corpo e a interação com o ambiente, especialmente no estágio sensório-motor (de zero a dois anos de idade) quando a criança começa a se diferenciar do mundo externo, são fundamentais para a construção da consciência de si. A partir da ação em perceber o corpo e o ambiente, conforme o desenvolvimento ocorre, especializa-se a mobilização a si, ao self, o que podemos denominar autopercepção, onde a atenção é direcionada às próprias manifestações.

A ação em se autoperceber permeia todas as fases da vida, da infância à velhice. Na infância, crianças com níveis mais altos de desenvolvimento cognitivo desenvolvem autopercepção precisa mais rapidamente que crianças com níveis de desenvolvimento cognitivo mais baixos (Bouffard et al., 1998). Schmid *et.al* (2011) aponta que a autopercepção tem um papel fundamental, por exemplo, nas expectativas dos adolescentes em relação ao futuro, onde uma autopercepção positiva promove confiança e resiliência, favorecendo que os indivíduos estabeleçam metas significativas e acreditem em suas capacidades para alcançá-las, em contramão, uma autopercepção negativa pode limitar a capacidade de imaginar um futuro desejável, distanciando, portanto, o indivíduo a tomar medidas proativas em sua direção. Na terceira idade, de acordo com Gomes *et al.* (2019) a autopercepção do idoso é essencialmente relevante na identificação de condições de saúde que podem influenciar na qualidade de vida. A mobilização em se autoperceber, é ferramenta chave aos processos psicoterapêuticos, onde o indivíduo se apropria de si ao visar o autoconhecimento, e passa a compreender e manipular suas próprias instâncias em posição de comando.

Através da etimologia, a autopercepção pode ser refletida como prática ou habilidade em que o indivíduo desenvolve mobilização ou capacidade de perceber suas singularidades e particularidades através de pensamentos, emoções, comportamentos, estados internos e interações ambientais e sociais. É um construto utilizado por diversos pensadores em

psicologia, como por exemplo Carl Rogers (1992), que em sua abordagem centrada na pessoa, traz a autopercepção como um elemento fundamental no processo de autorrealização. Para ele, o desenvolvimento de uma percepção mais clara e honesta de si mesmo permite que o indivíduo aceite suas limitações e valorize suas potencialidades, promovendo crescimento pessoal e uma maior congruência entre o self real e o self ideal. Para Rogers (1992, p. 561) “o melhor ponto de observação para compreender o comportamento é a estrutura de referência interna do próprio indivíduo”. Para Marsha Linehan (2010), a criadora da Terapia Comportamental Dialética (DBT), é crucial que os sujeitos aprendam a observar seus próprios padrões e estilos de pensamento para que possam monitorar e mudar padrões cognitivos.

Daryl Bem foi o psicólogo que introduziu o termo autopercepção à pesquisa em psicologia, em 1967 formulou a teoria da autopercepção como uma interpretação alternativa ao fenômeno da dissonância cognitiva postulado por Leon Festinger em 1957 (Bem, 1967a; Bem, 1967). Nos anos 1960 a teoria da dissonância cognitiva revolucionou o pensamento sobre processos psicológicos em especial a como recompensas afetam atitudes e comportamentos e como o comportamento e a motivação afetam percepção e cognição (Bem, 1972; Harmon-Jones e Harmon-Jones, 2007). A teoria da dissonância cognitiva postula que os indivíduos experimentam desconforto psicológico ao manterem crenças conflitantes, levando-os a modificar suas atitudes ou comportamentos para reduzir essa dissonância (Wicklund e Brehm, 1976; Wichardt, 2012). Então, em contrapartida, a teoria da autopercepção sugere que os indivíduos desenvolvem suas atitudes ao observarem seu próprio comportamento (Bem, 1970; Bem, 1972; Chaiken e Baldwin, 1981). Essa perspectiva revela que a autopercepção não é apenas um processo reflexivo interno, mas também um fenômeno mediado pelas experiências externas e pelo contexto social.

Enquanto a teoria da dissonância cognitiva enfatiza a motivação para manter a consistência interna diante de conflitos entre atitudes e comportamentos, a teoria da autopercepção foca na formação de atitudes com base na observação do próprio comportamento, especialmente na ausência de atitudes pré-existentes ou claras (Snyder e Ebbesen, 1972). A intenção em se perceber, em se conhecer e em se definir (autopercepção, autoconhecimento e autodefinição) são processos inter-relacionados que ocorrem concomitantemente, segundo Robak (2001) as terapias que enfatizam a narrativa pessoal tem necessariamente a autodefinição como um processo chave. Conforme o autor, o auto-conceito se culmina a partir das informações que os sujeitos sentem que lhe definem, e é comum atribuir as causas dos comportamentos a traços de personalidade ou fatores internos ao invés de fatores

situacionais, ou seja, “os traços de personalidade aos quais atribuímos nossos próprios comportamentos podem ser vistos como autodefinições” (Robak, 2001, p. 530).

Dentre as múltiplas abordagens psicológicas, ferramentas que estimulam a ação em se perceber podem averiguar ricos conteúdos idiossincráticos sobre os sujeitos, como por exemplo o Diário de Emoções de Greenberg, ferramenta utilizada pelo terapeuta nas abordagens onde a emoção é o principal objeto, como na Terapia Focada nas Emoções (TFE) e na Terapia do Esquema Emocional (TEE), intuindo fornecer de forma simples através do autorrelato a identificação de emoções que surgem diariamente (Leahy, Tirsch e Napolitano, 2013). Ou como na Terapia Comportamental Dialética (DBT) onde se utilizam fichas de tarefas, como por exemplo as fichas para identificar, entender e nomear emoções (Linehan, 2018), que entre sessões facilitam a identificação de emoções (Linehan, 2010). Para Linehan (2010), a auto-observação é uma técnica que exige que o paciente recue e perceba a presença de sentimentos, emoções, sensações físicas e tendências de ação.

A percepção de si, ou autopercepção, demonstra-se como eixo estrutural da experiência humana e ferramenta de essencial funcionalidade ao autoconhecimento. Em quaisquer estágios de desenvolvimento ou da vida adulta, ou em quaisquer abordagens psicológicas, mobilizar atenção às próprias manifestações subjetivas expõe o indivíduo à atitude de enriquecimento em autodefinição. De acordo com Bem (1972), o processo de se perceber é benéfico pois promove a autoconsciência, auxilia na consistência comportamental e favorece a adaptabilidade, permitindo que os indivíduos ajustem seu autoconceito com base em novas experiências. Além disso, pode reduzir a dissonância cognitiva ao alinhar atitudes com ações e apoiar o crescimento pessoal, destacando pontos fortes e áreas a serem aprimoradas.

2.3 O DESENVOLVIMENTO DO REGISTRO DIALÉTICO AUTOPERCEPTIVO (RDA)

O Registro Dialético Autoperceptivo (apêndice 1) emerge como um instrumento na interface entre filosofia dialética e psicologia, propondo-se a traduzir contradições existenciais em dados mensuráveis e reflexivos. Sua concepção parte do princípio de que a realidade humana é intrinsecamente polarizada, constituída por tensões entre opostos que não se anulam, mas coexistem e se transformam mutuamente. Inspirado na tradição dialética, desde Hegel, que via a realidade como um movimento de superação de contradições, até a psicologia contemporânea, que reconhece conflitos internos como motores de desenvolvimento, o Registro Dialético Autoperceptivo busca operacionalizar essa complexidade. Ao estruturar-se no método de Diferencial Semântico, o instrumento reinventa sua aplicação: não se limita a

medir atitudes, mas convida o participante a engajar-se em um processo de autopercepção ativa, mapeando como negocia paradoxos em sua experiência subjetiva.

Sendo a realidade essencialmente contraditória, é cabível identificar a frequência em que construtos opostos da experiência humana se dão através de diferencial semântico. De acordo com Prata (1999/2000) a dialética piagetiana é central para sua teoria do desenvolvimento cognitivo, pois explica a progressiva construção do conhecimento por meio da superação de contradições entre assimilação e acomodação. Segundo o autor, na visão piagetiana a dialética é uma característica intrínseca do processo de equilibração das estruturas cognitivas, que envolve o enfrentamento de desequilíbrios e a criação de novas estruturas mais avançadas (Prata, 1999/2000).

Veraksa, Basseches e Brandão (2022) ao refletir sobre os estágios de desenvolvimento propostos por Piaget (sensório motor, pré-operacional, concreto operacional e operacional formal), revelam que cada estágio emerge através da resolução dialética das limitações inerentes à fase anterior, levando a estruturas cognitivas progressivamente complexas e adaptativas. Esse processo de equilíbrio envolve ciclos contínuos de conflito e resolução, onde o desequilíbrio alimenta a reorganização e o avanço do pensamento: a dialética amolda-se à transformação do pensamento ao longo do tempo (Veraksa; Basseches; Brandão, 2022).

Essa concepção reflete uma visão dinâmica e construtiva do desenvolvimento, em que a razão emerge como um processo capaz de integrar e superar contradições, promovendo avanços progressivos no entendimento da realidade (Prata, 1999/2000). Assim, a dialética é essencial na explicação de como o sujeito constrói conhecimento ao longo de sua vida. Além de no desenvolvimento, e da superação entre o equilíbrio e desequilíbrio proposto por Piaget, as oposições continuam a ser propostas a partir das ações e inter-relações do subjetivo com a experiência. Pensando nas manifestações polares observáveis e subjetivas, e na relevância da dialética para a teoria do desenvolvimento ou para a filosofia, no RDA foram propostas instâncias contraditórias como significância das experiências subjetivas.

Identificar como algumas contradições da realidade são experienciadas pelos sujeitos, pode revelar a localização idiossincrática de algum momento das experiências subjetivas. Foi a partir do conhecimento da relevância das construções dialéticas para o desenvolvimento dos sujeitos, através de pensadores da psicologia como Piaget e Linehan, que percebeu-se a possibilidade de algum instrumento que abordasse essas possíveis experiências duais.

De forma prática, o Registro Dialético Autoperceptivo pretende adaptar categorias que estimulem o participante a promover a autopercepção por meio da exploração de existentes contradições, as categorias são: 1) Emoções e Estados Afetivos; 2) Comportamentos e Ações;

3) Cognições e Percepções; 4) Relações Interpessoais e Sociais; 5) Existenciais e Filosóficas; 6) Físicos e Sensoriais; e 7) Desenvolvimento Pessoal e Moral. As categorias visam estimular o sujeito a se autoperceber de forma organizada através das diretivas oposições.

De acordo com Silva Júnior e Costa (2014) a mensuração é um instrumento fundamental para acessar e descrever dados, permitindo a compreensão de fatos e fenômenos nas diversas áreas científicas. A mensuração é destacada pela ampla produção de conteúdo científico, reforçando a relevância de avanços teóricos e práticos para o desenvolvimento de estudos empíricos quantitativos, além disso, o tratamento de dados e medidas gera informações úteis tanto para objetivos acadêmicos quanto profissionais, visando a qualificação da produção de conhecimento confiável e aplicável (Silva Junior e Costa, 2014).

Utilizando o método de Diferencial Semântico, desenvolvido por Osgood, Suci e Tannenbaun em 1957, que segundo Brandalise (2005, p. 2) “nesta técnica os entrevistados mostram a posição de sua atitude em relação ao objeto da pesquisa em uma escala itemizada de sete pontos, o que revela a força e a direção da atitude”. Uma escala de medição no diferencial semântico é um método de avaliação subjetiva usado principalmente em pesquisas psicológicas, sociais ou de marketing para medir atitudes, opiniões ou percepções. Essa escala utiliza pares de adjetivos opostos (bipolares), entre os quais os respondentes indicam o grau de percepção ou sentimento sobre um determinado objeto, conceito ou experiência. De acordo com Cohen, Swerdlik e Sturman (2014), a escala de medição em diferencial semântico é:

Desenvolvida a princípio como um instrumento clínico para definir o significado de conceitos e para relacionar conceitos entre si em um “espaço semântico”, a técnica implica colocar graficamente um par de adjetivos bipolares (como bom-ruim ou forte-fraco) em uma escala de sete pontos [...] Os respondentes são orientados a colocar uma marca nesse continuum que corresponda a seu julgamento ou a sua avaliação (Cohen; Swerdlik; Sturman, 2014, p.606).

O Registro Dialético Autoperceptivo transcende a abordagem original ao substituir adjetivos simples, como bom-ruim, por construtos dialéticos amplos, selecionados a partir de categorias que refletem tensões fundamentais da condição humana, como por exemplo comportamentos, emoções e sensações. A técnica de diferencial semântico, consiste em uma linha contínua de 7 pontos, por exemplo: Ansiedade | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | Tranquilidade; onde os extremos localizam as proposições opostas, inferindo o participante a marcar (com um x) qual a localização geográfica dentre esses continuum que mais se aproxima de sua percepção, indicando qual sua posição entre os dois extremos. O ponto 1 representa notável ansiedade; o ponto 7, representa notável tranquilidade; o ponto 4 indica neutralidade ou equilíbrio entre os

dois extremos. Situações em que possam existir sentimentos e percepções ambíguas ou conflitantes em relação a algum construto, podem também ser marcadas em mais de uma posição dentre os pontos, esta situação pode indicar dissonância cognitiva. Essa estrutura permite ao participante não apenas posicionar-se, mas também reconhecer a fluidez de suas percepções. Para a dialética tudo está em movimento, nada é estático, a realidade essencialmente contraditória e em permanente transformação (Konder, 1981).

Na prática, a aplicação do Registro Dialético Autoperceptivo pressupõe etapas para a melhor utilização do instrumento, no primeiro momento, na etapa de explanação dos construtos, é realizada uma introdução ao sujeito sobre o instrumento onde são passadas instruções de como utilizá-lo, e verificação se o participante tem conhecimento sobre as categorias e sobre as dialéticas presentes no Registro Dialético Autoperceptivo. Em um segundo momento, na etapa do autorregistro, o participante é instruído a refletir sobre as instâncias e praticar a autopercepção. O terceiro momento, onde junto com o psicólogo/pesquisador, é analisado o autorregistro e faz-se a escuta sobre a significância da experiência proposta pelo Registro Dialético Autoperceptivo. Estima-se o instrumento como possível catalisador de insights, que ao estimular e projetar a autopercepção e autoanálise a partir das contradições propostas, possa trazer à tona possíveis dados ou relevantes informações subjetivas.

Por fim, o Registro Dialético Autoperceptivo posiciona-se como uma contribuição metodológica à psicologia, ao demonstrar que ferramentas de autorrelato que estimulem a autopercepção podem ser sensíveis à subjetividade sem perder rigor científico. Sua estrutura dialética desafia a visão tradicional de que contradições são problemas a serem resolvidos, propondo-as, em vez disso, como eixos de autoconhecimento. Em um mundo marcado por polarizações sociais e crises existenciais, instrumentos como o Registro Dialético Autoperceptivo lembram que a complexidade humana quando olhada com sensibilidade, pode oferecer caminhos sutis e compassivos para entender quem somos.

3 METODOLOGIA

Este estudo adotou uma abordagem qualitativa, com método indutivo e nível de pesquisa exploratório, inserindo-se na interface interdisciplinar entre arte e psicologia. O objetivo central foi compreender como a interação com reproduções de três Objetos Relacionais (O.R.) (apêndice 2) da obra “Estruturação do Self” de Lygia Clark – especificamente “Pedra e Ar”, “Água e Conchas” e “Almofada Leve-pesada” – e o subsequente preenchimento do Registro Dialético Autoperceptivo (RDA), um instrumento desenvolvido para esta pesquisa,

contribuíram para o processo de autopercepção dos participantes. O método indutivo foi escolhido por permitir a emergência de compreensões a partir das observações específicas das experiências dos participantes, adequado a um fenômeno complexo e pouco explorado na literatura sob esta ótica combinada (Gil, 2017). A natureza exploratória justifica-se pela busca de insights e pela formulação de compreensões iniciais sobre a interação proposta, sem a pretensão de generalizações definitivas (Gil, 2017). Adicionalmente, a pesquisa caracterizou-se como participante, dado o envolvimento direto do pesquisador na condução das sessões e na interação dialógica com os sujeitos (Soares & Ferreira, 2006).

3.1 PARTICIPANTES

A amostra foi composta por 10 participantes adultos, recrutados voluntariamente no local de realização da pesquisa, sendo clínica escola de psicologia da UCEFF. Buscou-se garantir diversidade em termos de gênero, idade (variando entre 20 e 73 anos), escolaridade e ocupação, resultando em um grupo heterogêneo que incluiu estudantes, profissionais de diferentes áreas (psicologia, engenharia, educação etc.). Todos os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), garantindo-se o anonimato e a confidencialidade dos dados. Os nomes utilizados nos relatos e análises são fictícios para preservar a identidade dos sujeitos. A participação foi voluntária e sem remuneração.

Quadro I. Caracterização dos participantes

Participante	Idade	Gênero	Raça	Escolaridade	Profissão
1A	26	mulher	indígena	Superior completo	bibliotecária
2B	46	mulher	branca	Superior completo/especialização	professora
3C	58	homem	branco	Mestrado completo	psicólogo
4D	21	homem	pardo	Superior incompleto	estudante
5E	61	homem	negro	Ensino médio completo	trabalha com acabamentos/obras
6F	47	mulher	amarela	Mestrado completo	psicóloga
7G	29	homem	branco	Superior completo	psicólogo
8H	40	homem	branco	Mestrado completo	engenheiro
9I	30	homem	branco	Ensino médio completo	maquiador/influencer
10J	72	mulher	branca	Superior completo	esteticista/terapeuta holística

Fonte: Autoria própria (2025).

3.2 INSTRUMENTOS

Os instrumentos utilizados para a coleta de dados foram:

1. **Objetos Relacionais (O.R.) (reprodução):** Três objetos da obra “Estruturação do Self” de Lygia Clark foram reproduzidos artesanalmente, buscando fidelidade aos materiais e conceitos originais: a) Pedra e Ar: saco plástico inflado com ar, sobre o qual repousa uma pedra arredondada.; b) Água e Conchas: saco plástico contendo água e pequenas conchas, envolto por um elástico; c) Almofada Leve-pesada: almofada de tecido (algodão) dividida ao meio, um lado preenchido com areia (peso) e o outro com bolinhas de isopor (leveza).
2. **Registro Dialético Autoperceptivo (RDA):** Instrumento desenvolvido pelo pesquisador, baseado no método de Diferencial Semântico de Osgood, Suci e Tannenbaum (1957). Consiste em 68 pares de construtos dialéticos opostos (ex: Ansiedade-Tranquilidade, Caos-Ordem, Dor-Prazer), distribuídos em 7 categorias (Emoções/Estados Afetivos, Comportamentos/Ações, Cognições/Percepções, Relações Interpessoais/Sociais, Existenciais/Filosóficas, Físicos/Sensoriais, Desenvolvimento Pessoal/Moral). Para cada par, há um continuum de 7 pontos. O participante marca um ou mais pontos que representem sua percepção em relação ao objeto interagido. Marcações múltiplas foram consideradas indicativas de ambiguidade ou dissonância cognitiva.
3. **Ficha Sociodemográfica:** Coleta de dados básicos dos participantes (idade, gênero, raça, escolaridade e ocupação).
4. **Roteiro de Entrevista Semi-estruturada e Observação Participante:** Utilizado para guiar a interação e registrar as verbalizações, expressões não-verbais e percepções do pesquisador durante a sessão. As perguntas focavam nas sensações, emoções, memórias e simbolismos evocados pelos objetos.

3.3 PROCEDIMENTOS

As sessões individuais ocorreram em uma sala privativa na clínica-escola de psicologia da UCEFF, garantindo privacidade e mínimo de interferências. Cada sessão durou aproximadamente entre 40 a 90 minutos e seguiu as seguintes etapas:

1. **Acolhimento e Contrato:** Apresentação da pesquisa, leitura e assinatura do TCLE, preenchimento da ficha sociodemográfica.

2. Interação Livre com os O.R.: Os três objetos eram apresentados sobre uma mesa, e o participante era convidado a interagir livremente com eles (tocar, manipular, sentir o peso, o som, a textura, a temperatura) pelo tempo que desejasse. O pesquisador observava e registrava as reações. Enquanto os participantes interagiram com os objetos, eram convidados a externalizar verbalmente quaisquer conteúdos emergentes, tais conteúdos eram registrados pelo pesquisador de forma escrita e em gravação de áudio.
4. Apresentação e Preenchimento do RDA: O pesquisador explicava o RDA, seus construtos e a forma de preenchimento, assegurando a compreensão. O participante, então durante o processo, revisitava cada objeto individualmente e preenchia um formulário do RDA específico para aquele objeto (em total, 3 RDAs por participante), refletindo sobre as percepções evocadas.
5. Após o preenchimento dos três RDAs, iniciava-se um diálogo mais aprofundado, guiado pelas respostas no instrumento e pelas observações do pesquisador. Exploravam-se os significados atribuídos, as razões das marcações (especialmente as ambíguas ou dissonantes), as memórias, emoções e simbolismos que emergiram durante todo o processo.
6. Encerramento: Agradecimento pela participação e reforço da confidencialidade.

3.4 ANÁLISE DE DADOS

A análise dos dados adotou uma abordagem predominantemente qualitativa, alinhada ao caráter exploratório e à natureza fenomenológica da pesquisa. Os relatos das entrevistas, as observações do pesquisador e as notas do diário de campo foram transcritos e submetidos à análise de conteúdo temática (Bardin, 2011). Este método foi escolhido por sua capacidade de identificar, analisar e reportar padrões (temas) dentro dos dados, permitindo uma interpretação rica e detalhada do fenômeno estudado. A análise focou em temas recorrentes, padrões simbólicos, narrativas individuais e convergências/divergências entre os participantes em relação a cada objeto e à experiência como um todo. Especial atenção foi dada a como os Objetos Relacionais catalisaram a externalização de conteúdos subjetivos e como o RDA mediou a reflexão sobre esses conteúdos. O processo analítico seguiu as etapas propostas por Bardin (2011): pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados.

Como complemento à análise qualitativa, apenas um dado quantitativo foi considerado: a porcentagem de marcações neutras/indiferentes no Registro Dialético Autoperceptivo. Este dado específico foi selecionado por sua relevância para compreender em que medida os

construtos do instrumento foram efetivamente mobilizados no processo de autopercepção. Considerando que marcações singulares nos polos positivo e negativo, ou duplas marcações (que apontam ambiguidade/dissonância) indicam que o construto foi ativado na experiência subjetiva do participante, enquanto marcações neutras sugerem que o construto não despertou uma relação definida, este dado quantitativo oferece um indicador da eficácia do método combinado (O.R. + RDA) em mobilizar processos autoperceptivos. A análise deste dado foi realizada através de estatística descritiva simples, calculando-se a proporção de respostas neutras em relação ao total de respostas para cada objeto e para o conjunto da experiência.

3.5 CONSIDERAÇÕES ÉTICAS

O projeto seguiu todas as diretrizes éticas da Resolução CNS 466/12 e do Código de Ética Profissional do Psicólogo (Resolução CFP nº 010/05). O TCLE foi obtido de todos os participantes, assegurando voluntariedade, confidencialidade, anonimato e o direito de desistir a qualquer momento. Foi explicitado que a experiência poderia evocar conteúdos emocionais, e oferecido suporte ou encaminhamento caso necessário, embora nenhum participante tenha relatado desconforto significativo que demandasse intervenção. O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética da UCEFF - UNIDADE CENTRAL DE EDUCAÇÃO FAI FACULDADES LTDA (CAAE: 87549225.0.0000.8064).

4 ANÁLISE DOS RESULTADOS

Nesta seção, apresentamos a análise qualitativa dos dados coletados a partir da interação dos 10 participantes com os Objetos Relacionais (O.R.) de Lygia Clark e com o Registro Dialético Autoperceptivo (RDA). A análise está organizada em três partes, conforme a estrutura da experiência: a interação livre inicial com os objetos, a utilização do RDA como ferramenta de autoavaliação e, por fim, uma síntese da experiência integrada, buscando responder ao objetivo geral da pesquisa sobre como essa combinação contribui para a autopercepção.

4.1. LIVRE INTERAÇÃO COM OS OBJETOS RELACIONAIS

A primeira etapa da experiência consistiu na interação livre dos participantes com as reproduções dos três Objetos Relacionais de Lygia Clark. Este momento revelou-se um potente

catalisador para a emergência de sensações, emoções, memórias e associações simbólicas profundas. Como afirmava Clark (1980), “o objeto é apenas uma potencialidade”, que se realiza plenamente no contato com o sujeito, transformando-se em um “objeto vivo” que media a relação do indivíduo consigo mesmo. Wanderley (2021, p. 62) complementa essa visão ao observar que “o toque dos Objetos cria imprecisos feixes de sensações percebidos como imagens sensoriais abstratas, que buscam significado num espaço interior imaginário do corpo. Isso cria uma zona híbrida entre o corpo e o Objeto”. Esta transição do sensorial ao simbólico manifestou-se claramente nas sessões realizadas, onde os participantes frequentemente iniciavam com descrições táteis e sensoriais (“frio”, “áspero”, “macio”) que rapidamente evoluíam para elaborações metafóricas e associativas complexas. Como observado no documentário “Memória do Corpo” (1985), dirigido por Mário Carneiro, onde dá-se ênfase que não é o objeto que é terapêutico, mas o que o sujeito faz com ele, princípio que se confirmou na diversidade de significações atribuídas pelos participantes aos objetos.

Os temas emergentes da interação livre com os Objetos Relacionais revelaram padrões significativos entre os participantes. As memórias nostálgicas do passado, tanto traumáticas quanto prazerosas, foram evocações recorrentes, sugerindo que os objetos funcionaram como “gatilhos sensoriais” para conteúdos autobiográficos latentes. Verbalizações ambíguas e ambivalentes foram frequentes, indicando uma sincronização entre as dualidades físicas representadas nos objetos e as contradições internas dos participantes. Percepções sensoriais imediatas muitas vezes se desdobraram em reflexões filosóficas e existenciais, evidenciando a capacidade dos objetos de mediar transições entre o concreto e o abstrato, o corporal e o mental. Como sintetizou a participante 1A: “os objetos são desculpas para falar de mim”, frase que captura a essência projetiva da experiência. Essa observação dialoga diretamente com a proposta original de Clark, para quem os Objetos Relacionais funcionavam como “fantasmas” do corpo, permitindo ao sujeito reviver e ressignificar memórias corporais através da mediação sensorial.

O objeto **Pedra e Ar**, composto por um saco plástico inflado com uma pedra em seu vértice, foi o primeiro da série criada por Lygia Clark em 1966, e considerado pela artista como “o mais puro e o melhor” (Clark, 1985). A rigidez da pedra e a maleabilidade do ar coexistem em tensão produtiva. Esta dualidade material evocou respostas intensas e frequentemente conflitantes nos participantes. 6F expressou que o objeto “contém o nada e o tudo”, uma “vitalidade invisível” que simultaneamente provoca angústia e conforto. Para 7G, o objeto funcionou como “metáfora para equilíbrio e dilemas da vida”, representando a “interação do denso e do leve” que o levou à introspecção sobre seus próprios conflitos profissionais. 4D

vivenciou uma ambivalência marcante: inicialmente sentiu “vontade de excluir a pedra”, mas posteriormente associou-a a um bebê, evocando memórias dolorosas de um filho abortado. 1A manifestou uma rejeição visceral à pedra, expressando raiva e desejo de separação, enquanto encontrava relaxamento no contato com o plástico. A rigidez e aspereza da pedra, contrastante com o lustroso e esticado plástico cheio de ar, criou um campo de tensão sensorial que espelhou contradições internas dos participantes, confirmando a intuição de Clark sobre o potencial deste objeto para materializar conflitos psíquicos.

O objeto **Água e Conchas**, constituído por um saco plástico contendo água e pequenas conchas envolto por um elástico, destacou-se por evocar predominantemente memórias nostálgicas e sensações positivas. A fluidez da água combinada com a solidez das conchas criou uma experiência sensorial rica que frequentemente transportou os participantes para momentos significativos de suas vidas. Para 2B, o objeto despertou “sentimento de força e segurança”, conectando-se à sua resiliência após um divórcio difícil. 1A vivenciou uma experiência de resignificação de um trauma de afogamento, transformando o medo em empoderamento, manifestou sentir controle da água ao segurar o objeto. 5E associou o objeto a “memórias infantis com bexigas d’água”, relatando sensações de bem-estar e tranquilidade. 3C foi transportado para “memórias afetivas da infância e praia com a família”, enquanto 4D conectou o objeto a lembranças de brincar com Lego na infância, mencionando como o objeto poderia auxiliar na autorregulação emocional. A temperatura geralmente fria do objeto, o som produzido pelo movimento da água e das conchas, e a impossibilidade de tocar diretamente o conteúdo interno foram elementos sensoriais frequentemente destacados, gerando reflexões sobre limites, contenção e a dialética entre o acessível e o inacessível.

A **Almofada Leve-pesada**, dividida ao meio com um lado preenchido por areia e o outro por bolinhas de isopor, revelou-se o objeto mais filosoficamente provocativo e gerador de ambivalências. A dualidade explícita de sua composição estimulou reflexões sobre os contrastes da existência e as contradições internas dos participantes. 6A expressou “surpresa agradável” e forte “identificação com o objeto”, observando que “a personalidade se assemelha com o objeto” e que o “peso traz conforto”. 7G refletiu sobre “as contradições e necessidade do equilíbrio” em sua vida profissional, interpretando o objeto como representação do “peso simbólico da sobrecarga emocional” e observando que “o macio pode ser pesado”, uma inversão que o levou a resignificar seus esforços e limites. 9I vivenciou intensa “ambivalência emocional” ao associar o objeto a lembranças dos pais, identificando simbolicamente “a areia como pai, o isopor como mãe”. 10J, a participante mais idosa, experimentou nostalgia e ambivalência “entre o conforto da casa da avó e o peso físico do objeto” que remeteu à

claustrofobia sentida ao cobrir-se no rigoroso inverno com cobertores pesados de sua avó. O aconchego e o conforto foram temas recorrentes, com 1A descrevendo uma “sensação de colchão” e um “cenário de acolhimento”, enquanto 3C relatou “tranquilidade e aconchego doméstico” associados à sua cama e às cachorras de estimação. A costura central, dividindo os dois lados, também foi objeto de simbolização, representando para alguns a divisão interna, a dificuldade de integração ou a própria linha tênue entre opostos na vida.

A síntese da experiência de livre interação com os Objetos Relacionais revela que estes funcionaram como potentes mediadores simbólicos, confirmando a intuição original de Lygia Clark sobre sua capacidade de evocar conteúdos psíquicos profundos através da experiência sensorial. Os três objetos demonstraram características distintas: o Pedra e Ar emergiu como catalisador de conflitos e ambivalências, o Água e Conchas como evocador de memórias nostálgicas e sensações de segurança, e a Almofada Leve-pesada como provocador de reflexões filosóficas sobre dualidades existenciais. A diversidade de significações atribuídas pelos participantes evidencia que, mais do que objetos com significados fixos, os Objetos Relacionais funcionam como “telas de projeção” onde cada sujeito inscreve sua própria narrativa existencial. Esta capacidade de mobilizar simultaneamente dimensões sensoriais, emocionais, mnemônicas e simbólicas confirma o potencial terapêutico e investigativo destes objetos para o estudo da autopercepção. A riqueza das associações emergentes, em análise temática sistematizada no Quadro 2 a seguir, oferece um panorama das principais significações atribuídas por cada participante aos objetos, evidenciando tanto singularidades individuais quanto padrões coletivos de simbolização.

Quadro 2: Descrição das principais significações por participante e objeto.

Participante	Pedra e Ar	Água e Conchas	Almofada leve-pesada
1A	Rejeição à pedra, raiva, desejo	Ressignificação de trauma	Aconchego, flexibilidade;
	de separação; plástico como relaxamento e ASMR	de afogamento; empoderamento e controle. não gosta do frio.	sensação de 'colchão', cenário de acolhimento
2B	Pedra como símbolo de sobrevivência e força; ar como vida	Sentimento de força e segurança; resiliência pós-divórcio	Acolhimento, descanso; obstáculos da vida como buracos na areia
3C	Nostalgia de acampamentos e fogueiras da juventude.	Memórias afetivas da infância e praia com a família	Tranquilidade e aconchego doméstico (cama, cachorras); sensação de paz
4D	Ambivalência com a pedra. Primeiro, vontade de excluir a	Memórias da infância (lego); autorregulação emocional;	Pressão física e interna; busca por equilíbrio. Cheiro

	pedra, retirá-la, imaginá-la em outros contextos. Segundo, lembra um bebê, traz memórias de seu filho abortado.	raiva traz vontade de estourar o saco.	evoca memória da casa de seu pai.
5E	Diferença de sensações táteis entre plástico e pedra; mente concreta, foco no toque.	Memória infantil com bexigas d'água; bem-estar e tranquilidade.	Sensação de estar na praia; bem-estar e leveza emocional (apenas com a areia, o isopor/lado leve foi negligenciado).
6F	Contém o nada e o tudo. Vitalidade invisível. Resistência. Usar a leveza como resistência. Angústia. Solitário. Correndo o risco de esvaziar, é questão de tempo. Conforto ou destino? Se eu estivesse dentro do saco teria conforto.	Peso (conchas) x leveza (água). Objeto vivo. Equilíbrio. Vontade de estourar. Elástico representa pressão. Vontade de tocar o conteúdo de dentro. Fluidez e rigidez. Temos que ser leve. Cuidado. Organicidade. Pertencimento	Surpresa agradável. identificação com o objeto, a personalidade se assemelha com o objeto. Peso = conforto. Não corresponder à sua finalidade. Densidade. Limite. Calma. Apaziguamento.
7G	Metáfora para equilíbrio e dilemas da vida. Instabilidade x equilíbrio. busca pelo 'caminho do meio'. A interação do denso e do leve. Introspecção.	Reflexão sobre vida e morte, sobre dentro e fora. simbolismo do paciente falecido. Ver mas não poder tocar. Medo de romper o plástico. Praia na infância	as contradições e necessidade do equilíbrio. Peso simbólico da sobrecarga emocional. resignificação de esforço e limites. o macio é pesado.
8H	Reflexão objetiva e filosófica sobre tempo, matéria e formação da pedra	Lembrança da infância e curiosidade analítica; contraste concha aberta (positivo) e fechada (sombria)	Sensação de conforto, algodão e areia; preferência pelo peso
9I	Aflição. Vontade de fazer a pedra atravessar o plástico, de estourar. Sentir-se como a pedra. Eu amassando o plástico.	Estímulo visual e sonoro. é positivo. o elástico incomoda, tirar o elástico traz muito alívio. queria estar dentro. vontade de estourar.	Ambivalência emocional. lembranças dos pais. sensação desconfortável. Vontade de tocar na areia. Areia como pai, isopor como mãe.
10J	Nostalgia. Memórias da infância brincando com	Lembrança da primeira ida à praia com o pai.	Nostalgia. Ambivalência entre o conforto da avó e o
	pedras. Só falou sobre a pedra.	encantamento. Consciência ambiental com o plástico.	peso físico do objeto.

Fonte: Autoria própria (2025).

4.2 A UTILIZAÇÃO DO RDA

Após a interação livre com os Objetos Relacionais, os participantes foram convidados a uma segunda etapa da experiência: o preenchimento do Registro Dialético Autoperceptivo (RDA). Este instrumento, desenvolvido especificamente para esta pesquisa, consiste em 68

construtos organizados em pares dialéticos que buscam capturar diferentes dimensões da autopercepção. Para cada construto, os participantes podiam escolher entre quatro formas de resposta: marcar o polo positivo, o polo negativo, assinalar neutro/indiferente quando o construto não despertava uma percepção clara, ou indicar ambiguidade/dissonância cognitiva quando experimentavam sentimentos contraditórios ou conflitantes em relação àquele aspecto. Esta etapa representou um momento de estruturação e reflexão cognitiva sobre as sensações e percepções vivenciadas durante o contato com os objetos, permitindo aos participantes organizarem e nomearem experiências que muitas vezes permaneciam no nível sensorial ou emocional.

A utilização do RDA pelos participantes revelou-se uma experiência variada e personalizada. Alguns participantes preencheram o instrumento de forma relativamente rápida e intuitiva, demonstrando facilidade para traduzir suas percepções em categorias dialéticas. Para outros, o processo foi mais demorado e reflexivo, exigindo pausas para considerar cada construto em relação à sua experiência com os objetos. Alguns participantes comentaram que o instrumento era extenso, mas reconheceram sua abrangência para capturar a complexidade de suas percepções. Outros consideraram o número de construtos suficiente e adequado, sentindo-se contemplados pela diversidade de aspectos abordados. Esta variabilidade no tempo e na forma de preenchimento já sinalizava as diferentes maneiras pelas quais cada participante processava e organizava cognitivamente sua experiência autoperceptiva, refletindo estilos individuais de reflexão e autoconhecimento.

A análise dos dados quantitativos do RDA revela informações importantes sobre como os construtos dialéticos mobilizaram processos de autopercepção nos participantes. Considerando a experiência total com os três objetos, 26,0% das marcações foram neutras/indiferentes, indicando momentos em que os construtos não despertaram uma percepção definida. Por outro lado, 74,0% das marcações representaram algum tipo de autopercepção ativa - seja através de respostas nos polos positivo ou negativo, seja através de marcações de ambiguidade/dissonância cognitiva. Quando analisamos por objeto separadamente, observamos diferenças interessantes: o objeto Água e Conchas apresentou apenas 22,1% de marcações neutras, sugerindo que foi o mais evocativo em termos de autopercepção; a Almofada Leve-pesada registrou 29,4% de neutralidade, possivelmente devido à sua natureza mais abstrata; e o objeto Pedra e Ar ficou em posição intermediária com 26,5% de marcações neutras. Estes dados indicam que a grande maioria dos construtos conseguiu mobilizar algum tipo de reflexão autoperceptiva nos participantes, verificando a eficácia do instrumento.

As relações entre essas marcações quantitativas e as experiências vividas pelos participantes tornam-se mais claras quando examinamos casos específicos. 6F, que explicitamente mencionou sentir “dissonância cognitiva” ao preencher o RDA, exemplifica como o instrumento conseguiu capturar e nomear estados de ambivalência que ela experimentou, especialmente com a Almofada Leve-pesada. Suas marcações de ambiguidade refletiram a complexidade de suas percepções sobre o objeto, que simultaneamente a confortava e a surpreendia. 7G, em um momento de reflexão sobre vida e morte após a perda de um jovem paciente, utilizou o RDA para estruturar suas percepções sobre “equilíbrio e dissonância”, encontrando no instrumento uma forma de organizar pensamentos sobre dilemas existenciais profundos. 9I, por sua vez, relatou que suas respostas foram influenciadas pelas associações que fez com seus pais através da Almofada Leve-pesada, demonstrando como o RDA permitiu que ele nomeasse e estruturasse percepções relacionais complexas que emergiram durante a interação com o objeto.

O RDA demonstrou-se, assim, um instrumento eficaz para promover a estruturação cognitiva de autopercepções através da lógica dialética. Ao confrontar os participantes com pares de opostos e oferecer a possibilidade de registrar ambiguidades, o instrumento facilitou um processo de organização mental que vai além da simples categorização binária. A dialética, como método de pensamento que abraça contradições e tensões, encontrou no RDA uma forma prática de aplicação, permitindo aos participantes reconhecerem e nomearem a complexidade de suas experiências internas. Esta estruturação cognitiva não eliminou as contradições, mas as tornou conscientes e passíveis de reflexão, contribuindo para um processo de autopercepção ampliado e profundo. O instrumento revelou-se capaz de capturar tanto polaridades definidas quanto estados intermediários e ambivalentes, oferecendo um mapeamento mais fiel da riqueza e complexidade da experiência subjetiva humana.

4.3. A EXPERIÊNCIA INTEGRADA: Projeção e Estruturação

A experiência completa, que combinou a interação livre com os Objetos Relacionais seguida pelo preenchimento do RDA, revelou-se uma metodologia potente para promover autopercepção através da integração entre técnicas projetivas e de estruturação cognitiva. Esta combinação criou um processo em duas etapas complementares: primeiro, os objetos funcionaram como catalisadores sensoriais e emocionais, permitindo que conteúdos subjetivos emergissem de forma espontânea e não-verbal; em seguida, o RDA ofereceu uma estrutura dialética para que essas experiências pudessem ser organizadas, nomeadas e refletidas

cognitivamente. A complementação entre essas abordagens - uma mais intuitiva e corporal, outra mais reflexiva e estruturada - demonstrou criar um espaço único para o autoconhecimento, onde a espontaneidade da expressão projetiva se encontra com a organização reflexiva e estruturada do pensamento dialético.

O processo integrado demonstrou criar um ciclo de autopercepção que pode ser compreendido em etapas: evocação através do contato sensorial com os objetos; confrontação ao se deparar com as próprias reações e com as dualidades propostas pelo RDA; organização ao tentar posicionar-se nos construtos dialéticos; e, integração ao conectar a experiência com aspectos mais amplos da própria vida e história pessoal. Este ciclo pode ser percebido na experiência de 7G, que ao estar em um momento de reflexão sobre vida e morte, após a perda de um jovem paciente, as marcações na categoria “Existenciais e Filosóficas”, por exemplo, revelaram tanto ambivalência quanto posições nos polos negativo e positivo. A estrutura do instrumento permitiu que ele organizasse sentimentos que haviam emergido de forma difusa durante a interação com o objeto.

A complementaridade entre as técnicas projetivas e cognitivas mostrou-se especialmente eficaz para acessar diferentes camadas da experiência subjetiva. Os Objetos Relacionais, funcionando como técnicas projetivas, permitiram que os participantes expressassem conteúdos que muitas vezes permaneciam no nível pré-verbal ou inconsciente. 4D, por exemplo, criou espontaneamente um “ninho” ou “altar” com o objeto Pedra e Ar sobre a Almofada Leve-pesada, e somente durante essa manipulação emergiu a associação da pedra com um filho abortado. Tal alavanca poderia ser elaborada em processo psicoterapêutico. O RDA ofereceu então um meio estruturado para que ele pudesse examinar e organizar essas associações, facilitando um processo de elaboração que transcendeu a experiência sensorial inicial.

A presença da dissonância cognitiva emergiu como um elemento relevante da experiência integrada, funcionando não como um obstáculo, mas como um indicador de que o método estava efetivamente mobilizando contradições internas significativas. 6F, professora e psicóloga relatou explicitamente ter sentido dissonância cognitiva ao utilizar o RDA, especialmente em relação à Almofada Leve-pesada. Sua experiência com este objeto foi marcada por percepções simultâneas de surpresa e identificação pessoal, observando que sua personalidade é de alguma forma similar ao objeto. Esta revelação de camadas complexas de percepção ilustra como a combinação metodológica pôde revelar a riqueza e a contraditoriedade da experiência humana, indo além de avaliações superficiais ou unidimensionais.

O aspecto temporal da experiência também se revelou crucial para sua eficácia. A sequência - primeiro a interação livre, depois a estruturação através do RDA - permitiu que os participantes vivenciassem um processo de aprofundamento gradual. Participantes demonstraram que a experiência sensorial concreta forneceu uma base experiencial que facilitou a reflexão abstrata posterior, criando uma ponte entre o corporal e o cognitivo. 5E, que inicialmente apresentou uma experiência bastante polarizada com os objetos, conseguiu através do RDA revelar uma visão positiva da vida, e disposição para se autoperceber. A experiência nostálgica evocada pelos objetos, conectada a descobertas recentes sobre a depressão pós-parto de sua mãe, encontrou no RDA uma estrutura para ser processada e integrada.

A experiência integrada demonstrou, assim, que a combinação de técnicas projetivas com estruturação cognitiva pode criar um espaço único para autopercepção, oferecendo um processo estruturado mas não rígido para o autoconhecimento. 2B, que estava em processo terapêutico após um divórcio difícil, exemplifica esta dinâmica: os objetos evocaram simbolizações de força e resiliência (especialmente o objeto Água e Conchas, que a fez sentir-se “uma mulher realmente forte”), enquanto o RDA permitiu que ela organizasse e nomeasse essas percepções de forma mais estruturada. A experiência integrada revelou-se, portanto, não apenas como um método de pesquisa, mas como uma possível ferramenta terapêutica e de desenvolvimento pessoal, validando a hipótese de que a combinação entre arte e estruturação cognitiva pode efetivamente catalisar processos de autopercepção profundos e especialmente subjetivos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como objetivo central analisar como a interação com os Objetos Relacionais de Lygia Clark, combinada com a utilização do Registro Dialético Autoperceptivo (RDA), pode contribuir para a autopercepção. Após a análise qualitativa e quantitativa dos dados coletados com dez participantes, é possível afirmar que a metodologia proposta demonstrou eficácia significativa em catalisar processos autoperceptivos, validando a hipótese central do estudo. Os resultados evidenciam que a combinação entre técnicas projetivas (Objetos Relacionais) e estruturação cognitiva dialética (RDA) criou um espaço único para o autoconhecimento, onde a espontaneidade da expressão sensorial se encontrou com a organização reflexiva do pensamento, promovendo insights profundos sobre contradições internas e aspectos não conscientes da subjetividade dos participantes.

Os achados desta pesquisa corroboram e ampliam a compreensão sobre o potencial terapêutico da arte, especificamente dos Objetos Relacionais de Lygia Clark. A capacidade destes objetos de evocar memórias, emoções e simbolizações profundas, observada consistentemente entre os participantes, confirma a intuição original de Clark sobre o poder mediador da arte na relação do sujeito consigo mesmo. A experiência de 2B, que encontrou nos objetos uma representação de sua força e resiliência, ou de 4D, que conseguiu acessar conteúdos traumáticos através da manipulação dos objetos, ilustram como a arte pode funcionar como veículo de externalização. Esta pesquisa demonstra que a arte pode constituir-se como uma ferramenta útil para acessar camadas profundas da experiência subjetiva, oferecendo caminhos alternativos para a elaboração de conflitos e a promoção do autoconhecimento.

Um dos aspectos mais significativos desta pesquisa foi a demonstração prática de como a arte pode ser efetivamente desinstitucionalizada, saindo dos espaços tradicionais como museus e galerias para integrar-se ao ambiente acadêmico e, potencialmente, aos contextos psicoterapêuticos. A reprodução dos Objetos Relacionais e sua aplicação em ambiente universitário evidenciaram que a potência transformadora da arte não depende de espaços institucionais específicos, mas da qualidade da interação estabelecida entre sujeito e obra. Esta desinstitucionalização representa uma democratização do acesso à experiência artística, tornando-a disponível em contextos mais próximos da vida cotidiana das pessoas.

O instrumento demonstrou capacidade de capturar nuances da experiência subjetiva que poderiam ser perdidas em escalas tradicionais, especialmente através da possibilidade de registrar ambiguidades e dissonâncias cognitivas. A alta taxa de mobilização perceptiva observada (74,0% considerando os três objetos) indica que o RDA foi eficaz em engajar os participantes em reflexões autoperceptivas significativas. A estrutura dialética do instrumento oferece uma ferramenta sistemática para mapear contradições internas e promover a organização cognitiva de experiências complexas, sugerindo aplicações promissoras em contextos onde a regulação emocional e a integração de aspectos contraditórios do self constituem objetivos terapêuticos centrais. Futuras pesquisas poderiam investigar a aplicação longitudinal do RDA em contextos psicoterapêuticos

Esta pesquisa demonstrou que a integração entre arte e psicologia, mediada por instrumentos estruturados como o RDA, pode oferecer caminhos inovadores para a compreensão e promoção da autopercepção. Embora as limitações do estudo incluam o tamanho da amostra e a natureza exploratória da pesquisa, a riqueza dos dados qualitativos e a consistência dos padrões quantitativos observados oferecem uma base sólida para futuras investigações. Em um contexto contemporâneo onde as demandas de saúde mental crescem

exponencialmente e onde se busca constantemente abordagens mais humanizadas e integrativas, esta pesquisa oferece uma contribuição relevante ao demonstrar que a arte, pode constituir-se como uma ferramenta poderosa para o autoconhecimento e a transformação pessoal.

Para além dos aspectos metodológicos aqui discutidos, é importante reconhecer que esta pesquisa se fundamenta na dimensão relacional e empática que caracteriza o fazer psicológico. Cada participante representou uma oportunidade de compreender a singularidade da experiência humana, reafirmando que o interesse genuíno pela subjetividade do outro constitui elemento central da prática psicológica. A metodologia proposta demonstrou que o acolhimento e a atenção cuidadosa às manifestações subjetivas podem ser sistematizados sem perder sua qualidade humana, contribuindo tanto para o conhecimento científico quanto para o autoconhecimento dos participantes. O principal objetivo da psicologia permanece sendo a promoção da qualidade de vida, e esta pesquisa sugere que abordagens que integram rigor metodológico com sensibilidade às necessidades humanas podem oferecer contribuições valiosas para este propósito. A desinstitucionalização da arte e o desenvolvimento de instrumentos como o RDA representam passos importantes na democratização do acesso a recursos de autoconhecimento, reafirmando o compromisso da psicologia com o desenvolvimento de práticas cada vez mais acessíveis, humanas e transformadoras.

REFERÊNCIAS

AUTORI, Sandra. **O vídeo na clínica**: um novo olhar ressignificando a vida. Cadernos Brasileiros de Saúde Mental/Brazilian Journal of Mental Health. Florianópolis. 2015.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BEM, Daryl J. **Self-Perception**: An Alternative Interpretation of Cognitive Dissonance Phenomena. Carnegie Institute of Technology. Psychological Review, Vol. 74, No. 3, 183-200. 1967a.

BEM, Daryl J. **Self-Perception**: The Dependent Variable of Human Performance. Carnegie Institute of Technology. Organizational Behavior and Human Performance 2, 105-121. 1967.

BEM, Daryl J. **Self-Perception Theory**. Chapter in: Advances in Experimental Social Psychology. Stanford University. Stanford, California. 1972.

BRANDALISE, Loreni T. **Modelos de Medição de Percepção e Comportamento** - uma revisão. 2005.

BRETT, Guy. **Lygia Clark**: In Search of the Body. Art in America (Westport, Connecticut), vol. 82, no. 7. July 1994: 56-63. Disponível em: <https://icaa.mfah.org/s/en/item/1232526#?c=&m=&s=&cv=&xywh=-279%2C0%2C1407%2C1099>. Acesso em: 23 fev. 2025.

BOIS, Yve-Alain. **Lygia Clark (1920-1988)**: 100 anos. Tradução Kika Serra. Rio de Janeiro: Pinakothèque, 2021.

BOUFFARD, Thérèse; MARKOVITS, Henry; VEZEAU, Carole; BOISVERT, Martine; DUMAS, Claude. **The relation between accuracy of self-perception and cognitive development**. University of Quebec at Montreal Canada. British Journal of Educational Psychology. 1998.

CARNEIRO, Mário (direção). **Memória do Corpo**. Documentário. Rio de Janeiro, 1985. Documentário. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=c3VU6KtfhSI>. Acesso em: 09 jun. 2023.

CHAIKEN, Shelly; BALDWIN, Mark W. **Affective-Cognitive Consistency and the Effect of Salient Behavioral Information on the Self-Perception of Attitudes**. 1981.

CLARK, Lygia. Acervo: **Objetos Relacionais**. 1978. [Texto] Documento datilografado. Disponível em: <https://portal.lygiaclark.org.br/acervo/7116/objetos-relacionais>. Acesso em maio de 2023.

CLARK, Lygia. Acervo: **Estruturação de Self**. 1976-1988. Disponível em: <https://portal.lygiaclark.org.br/acervo/243/estruturacao-do-self>. Acesso em janeiro de 2023.

CLARK, Lygia. **Memória do Corpo**. 1980. In: CLARK, Lygia. Lygia Clark. Textos de Lygia Clark, Ferreira Gullar e Mário Pedrosa. Rio de Janeiro: FUNARTE, 1980.

CCMS (Centro Cultural do Ministério da Saúde). **O Instituto Municipal Nise da Silveira e a busca da preservação da memória**. 2014. Disponível em: <http://www.ccms.saude.gov.br/nisedasilveira/preservacao-memoria.php>. Acesso em junho de 2023.

COHEN, Ronald Jay; SWERDLIK, Mark E.; STURMAN, Edward D. **Testagem e Avaliação Psicológica**: introdução a testes e medidas. 8a edição. Editora Artmed com parceria Mc Graw Hill Education, 2014.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Código de Ética Profissional dos Psicólogos**, Resolução n.º 10/05, 2005.

FRIEDLÄNDER, 1946 *apud* GOMBRICH, Ernst H. **Arte e Ilusão**: um estudo da psicologia da representação pictórica. 3a edição. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

GERSTNER, Maíra. **O legado de Lygia Clark**: pensando a fronteira arte-clínica. 2021. Disponível em: <https://fiosdoser.com.br/o-legado-de-lygia-clark/>. Acesso em 8 de maio de 2024.

GIL, Antonio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 6a edição. Editora Atlas Ltda. Grupo Editorial Nacional. 2017.

GOMES, Fabio R. H.; GASPAROTTO, Guilherme S.; OLIVEIRA, Valdomiro de; VAGETTI, Gislaine C. **Autopercepção de saúde associada à percepção de qualidade de vida em idosas praticantes de atividade física de Ponta Grossa, Paraná, Brasil**. 2019. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/48669>. Acesso em 15 fev. 2025.

HARMON-JONES, Eddie; HARMON-JONES, Cindy. **Cognitive Dissonance Theory After 50 Years of Development**. 2007.

KONDER, Leandro. **O que é dialética?** Coleção primeiros passos. Editora brasiliense. São Paulo. 1981.

LEAHY, Robert L.; TIRCH, Dennis; NAPOLITANO, Lisa A. **Regulação Emocional em Psicoterapia: Um guia para o terapeuta cognitivo-comportamental**. Porto Alegre. Editora Artmed, 2013.

LINEHAN, Marsha M. **Terapia Cognitivo-Comportamental para Transtorno da Personalidade Borderline**. Porto Alegre. Editora Artmed. 2010.

LINEHAN, Marsha M. **Treinamento de Habilidades em DBT: manual de terapia comportamental dialética para o paciente**. 2a edição. Porto Alegre. Editora Artmed. 2018.

OLIVEIRA, Myriam Andrade Ribeiro de; PEREIRA, Sonia Gomes; LUZ, Angela Ancora da. **História da Arte No Brasil: textos de síntese**. 3a edição. Série Didáticos. Rio de Janeiro. Editora UFRJ. 2013.

OSGOOD, Charles E.; SUCI, George J.; TANNENBAUM, Percy H. **The Measurement of Meaning**. University of Illinois Press. 1957.

PIAGET, Jean. **O Nascimento da Inteligência da Criança**. 4a edição. Editora LTC. 1982.

PINACOTECA. **Lygia Clark: Projeto para um planeta**. 2023. Disponível em: <https://pinacoteca.org.br/programacao/exposicoes/lygia-clark-projeto-para-um-planeta/> Acesso em: maio, 2024.

POLITZER, Georges. **Princípios Elementares de Filosofia**. São Paulo: Centauro Editora, 2001.

PRATA, Tárík de Athayde. **Dialética e Subjetividade em Piaget e Hegel**. Revista de Psicologia, Fortaleza, V. 17 (½), p.40-51. jan/dez 1999/2000.

ROBAK, Rostyslaw W. **Self-Definition in Psychotherapy: Is it Time to Revisit Self-Perception Theory?** In: North America Journal of Psychology. Pace University Vol. 3, No. 3, 529-534. 2001 ROGERS, Carl R. **Terapia Centrada no Cliente**. São Paulo: Martins. Fontes. 1992.

SCHMID, Kristina L; PHELPS, Erin; KIELY, Megan K; NAPOLITANO, Christopher M.; BOYD, Michelle J.; LERNER, Richard M. **The role of adolescents' hopeful futures in predicting positive and negative developmental trajectories:** Findings from 4-H Study of Positive Youth Development. Institute for Applied Research in Youth Development, Medford USA. The Journal of Positive Psychology. Vol. 6, No. 1, January 2011.

SILVA JUNIOR, S.D.; COSTA, F. J. **Mensuração e Escalas de Verificação:** uma Análise Comparativa das Escalas de Likert e Phrase Completion. PMKT – Revista Brasileira de Pesquisas de Marketing, Opinião e Mídia, São Paulo, Brasil, v. 15, p. 1-16, out. 2014.

SNYDER, Mark; EBBESEN, Ebbe B. **Dissonance Awareness:** A Test of Dissonance Theory Versus Self-Perception Theory. Journal of Experimental Social Psychology 8, 502-517. 1972.

SOARES, Leandro Queiroz; FERREIRA, Mário César. **Pesquisa Participante como Opção Metodológica para Investigação de Práticas de Assédio Moral no Trabalho.** Rev. de Psicol., Organ. Trab. v.6 n.2.

Florianópolis, dez 2006. Disponível em:

https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-66572006000200005
Acesso em 15 de fevereiro de 2025.

SOLSO, Robert L. **The Psychology of Art and the Evolution of the Conscious Brain.** MIT Press. Cambridge, Massachusetts. 2003.

TARVERNARD, Edimeire P. M.; FLORENCIO, Cybelle B. S.; PONTES, Fernando A. R.; SILVA, Simone S. C. **Autopercepção e Adolescência:** Uma Revisão Sistemática de Literatura. Psic. Clin., Rio de Janeiro, vol. 35, N. 1, p. 61. 2023.

VERAKSA, Nikolay; BASSECHES, Michael; BRANDÃO, Angela. **Dialectical Thinking:** A Proposed Foundation for a Post-modern Psychology. Frontiers in Psychology. Vol. 13. Article 710815. 2022.

WANDERLEY, Lula. **No Silêncio que as Palavras Guardam:** o sofrimento psíquico, o Objeto Relacional de Lygia Clark e as paixões do corpo. São Paulo: Editora n-1 edições. 2021.

WICHARDT, Phillipp C. **Norms, cognitive dissonance, and cooperative behaviour in laboratory experiments.** 2012.

WICKLUND, Robert A.; BREHM, Jack W. **Perspectives on Cognitive Dissonance.** Hillsdale New Jersey. 1976.

WICKLUND, Robert A.; ECKERT, Martina. **The Self-knower** - a hero under control. The Plenun Series in Social/Clinical Psychology. Series Editor: C.R. Snyder. Springer Science+Business Media, LLC. 1992.